

O acolhimento como prática moral na educação infantil: a roda do abraço com as crianças

Maria Carolina Canale Sanches Rodrigues

Daniele Pavan Martins

Rita Melissa Lepre

Como citar: RODRIGUES, Maria Carolina Canale Sanches; MARTINS, Daniele Pavan; LEPRE, Rita Melissa. O acolhimento como prática moral na educação infantil: a roda do abraço com as crianças. *In:* BENETTI, Eduardo Silva; BATAGLIA, Patrícia Unger Raphael; LEPRE, Rita Melissa; LOPES, Lígia Serrano (org.). **Práticas Morais na Escola: a Construção da Autonomia Moral.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p. 109-125.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-585-8.p109-125>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

O acolhimento como prática moral na educação infantil: a roda do abraço com as crianças

Maria Carolina Canale Sanches RODRIGUES¹

Daniele Pavan MARTINS²

Rita Melissa LEPRE³

1 INTRODUÇÃO

A etapa inicial da Educação Básica é a Educação Infantil que, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96) (Brasil, 1996), tem como objetivo “o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (Redação dada pela Lei n.º 12.796, de 2013) (Brasil, 2013). É nesse momento que as crianças, possivelmente pela primeira vez, se afastam do ambiente familiar ao ingressar na escola de Educação Infantil e intensificam suas interações sociais.

Neste sentido, o acolhimento às crianças se apresenta como uma ação de grande importância nesta etapa escolar. O acolhimento na Educação Infantil refere-se ao conjunto de práticas e atitudes que visam receber, in-

¹ Mestra em Educação no Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica FC/Unesp, Câmpus de Bauru. Professora Especialista e coordenadora de área da Educação Infantil / SME de Bauru. E-mail: maria.carolina.rodrigues@educu.bauru.sp.gov.br

² Mestra em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Docência para a Educação Básica FC/Unesp, Câmpus de Bauru. Agente de Desenvolvimento Infantil/ CCI Unesp, Câmpus de Bauru. E-mail: daniele.martins@unesp.br

³ Doutora em Educação. Professora Associada da Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Departamento de Educação/Bauru. E-mail: melissa.lepre@unesp.br

tegrar, educar e cuidar das crianças de forma individualizada, mas também coletiva, e respeitosa. Envolve a criação de espaços e ambientes afetivos, estimulantes e seguros, nos quais as crianças se sintam valorizadas, compreendidas e aceitas. Essa abordagem reconhece a singularidade de cada criança, suas necessidades, interesses e potencialidades, e busca promover sua autonomia, autoestima e bem-estar emocional, social e cognitivo.

A organização do trabalho pedagógico do professor, o que inclui o planejamento, é de grande importância para a preparação, execução e avaliação de ações de acolhimento na Educação Infantil. Para tanto, é necessário que este trabalho se apoie na ação praxiológica que envolve a teoria, a prática e as crenças (Formosinho, 2014), que leve a uma práxis docente acolhedora que reconheça e respeite as singularidades de cada criança, suas necessidades emocionais e sociais, suas formas de expressão e aprendizagem. Os professores precisam estar atentos às formas diferentes de manifestação das crianças, valorizando suas experiências prévias, seu processo de desenvolvimento e aprendizagem e estimulando sua autonomia e autoestima.

Outra questão importante neste processo de acolhimento é a família da criança, que, ao chegar à instituição de Educação Infantil para deixar seu filho, procura um ambiente seguro, saudável, aconchegante e acolhedor. O sentimento de insegurança em ter que deixar a criança em um espaço novo, com adultos e crianças desconhecidos, é muito forte (Burg, 2012, p. 92).

O acolhimento é ação pedagógica indispensável no processo de adaptação das crianças e famílias à escola de Educação Infantil. Segundo Motta (2014), a ideia de adaptação, que muitas vezes submete a criança a um determinado modelo educacional e organizacional, foi sendo, progressivamente, substituída pela de acolhimento.

A adaptação deve ser encarada não apenas como um período no qual a criança deve se adaptar às novas rotinas, mas como um momento de conhecimento e reconhecimento de sujeitos sócio-histórico-culturais que se encontram num espaço institucional. A acolhida à criança e às famílias deve se pautar na escuta sensível a esses sujeitos com o objetivo de informar as instituições quanto

a possíveis necessidades de reorganização de tempos, espaços e relações, no intuito de melhor atender às expectativas e necessidades dos sujeitos que acorrem à instituição (Brasil, 2009, p. 31).

Motta (2014) destaca que, na área educacional, o termo acolhimento foi, aos poucos, se desvinculando da palavra “adaptação” e assumindo um novo espaço como conceito que operacionaliza práticas pedagógicas diversas. Essa construção teve influência do modelo italiano de pré-escola baseado na experiência de Reggio-Emília, que define o conceito de “inserimento” como o processo de acolhida da criança e de sua família na instituição educativa e não está limitado a um período temporal (Motta, 2014). Tal conceito, que se aproxima muito de acolhimento, tem como base a Pedagogia Relacional e da Participação (Formosinho, 2014) que se apoia, também, em preceitos do interacionismo ao dialogar com grandes autores da primeira metade do século XIX e do século XX, buscando evidenciar os movimentos de construção-reconstrução da Pedagogia.

Dentre as teorias interacionistas que consideram o processo de desenvolvimento integral das crianças, a Epistemologia Genética de Jean Piaget e, mais especificamente, seus estudos e pesquisas acerca da moralidade humana, expressas em seu livro pioneiro na área “O juízo moral na criança” (Piaget, 1932/1994), ocupam lugar de destaque e são nossa opção teórica para este artigo e para o diálogo com a questão do acolhimento na Educação Infantil. Embora Piaget não tenha se dedicado diretamente a este tema, suas pesquisas ressaltam a importância de um ambiente escolar que proporcione experiências de interação social, respeito mútuo, cooperação e resolução de conflitos. Esses elementos são fundamentais para o desenvolvimento moral das crianças, pois permitem que elas experimentem diferentes situações e reflitam sobre suas próprias ações e as consequências delas para si e para os outros.

Para Piaget (1994), as crianças entre zero e quatro/cinco anos, em média, estão em um momento de anomia, no qual não se importam com as regras sociais e agem movidas pelo seu próprio interesse, que se ancora em seu pensamento egocêntrico. No entanto, por meio de certas regularidades e vivências, e mesmo que ainda preponderantemente pela ação, em

um ambiente coletivo pautado em práticas morais cooperativas, elas dão início a descentração, ou seja, começam a perceber o ponto de vista do outro, gênese da construção do juízo moral. Neste processo construtivo da moralidade, a ação intencional e planejada do professor é fundamental e práxis voltada a uma educação integral que considere os valores e vivências morais se faz imprescindível se o que se deseja seja a promoção do desenvolvimento de sujeitos éticos, solidários, justos e cooperativos.

O objetivo deste artigo, nesta direção, é o de apresentar e analisar uma prática moral com a Roda do Abraço no acolhimento às crianças em um Centro de Convivência Infantil de uma cidade do interior paulista, visando interações que auxiliem na promoção do desenvolvimento moral. A Roda do Abraço foi a prática moral adotada pela professora da sala do Infantil II, composta por crianças entre dois anos e dois anos e quatro meses, como uma ação permanente, realizada em roda, que remete a uma prática educativa que deve fazer parte do cotidiano escolar e que se configura como uma das mais importantes para a construção de um ambiente cooperativo (DeVries; Zan, 1998; Vinha, 2000) que fortaleça os vínculos afetivos e sociais

2 A GÊNESE DO DESENVOLVIMENTO DO JUÍZO MORAL NA CRIANÇA E A EDUCAÇÃO EM VALORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A moralidade é uma dimensão do desenvolvimento humano integral e não se configura como uma competência humana isolada do funcionamento psíquico do sujeito. Concordamos com La Taille (2007, p. 32) que

Se for verdade que a moralidade não consiste numa competência humana isolada, se for correto afirmar que ela participa, ou pode participar da construção de si mesmo, estudá-la significa, sim, contribuir para o entendimento do ser humano como um todo. Aceito isto, há, sim, contribuição das teorias de Psicologia Moral para o entendimento do desenvolvimento humano.

Dentre as teorias que compõem o escopo da Psicologia Moral, os estudos e pesquisas pioneiros sobre o tema, do epistemólogo genebrino Jean Piaget (1896-1980), ocupam a base dos conhecimentos nesta área. Piaget (1932/1994) reuniu suas pesquisas acerca do desenvolvimento moral na criança em seu livro “O juízo moral na criança”, publicado no ano de 1932.

Em suas pesquisas, Piaget descobriu um caminho psicogenético no desenvolvimento do juízo moral. Segundo o autor, os indivíduos nascem pré-morais, ou na anomia, momento que perdura até os quatro, cinco anos, sem consciência moral, os bebês e as crianças bem pequenas não conhecem as regras do ambiente em que vivem (Vinha, 2000). Nesse período, em que conforme ocorre o desenvolvimento da inteligência, também na perspectiva da epistemologia genética, as crianças agem apenas pela necessidade de satisfazer suas vontades e prazeres, característica marcante do estágio sensório -motor (zero a até dois anos) e do pensamento egocêntrico.

Com o desenvolvimento progressivo da inteligência, transição sensório-motor para o pré-operatório, entrelaçado com o crescimento da criança, surgimento das funções simbólicas e com as formas de relacionamento da criança com o mundo e com os adultos, ela passa a interiorizar as normas, por meio das regularidades e interações. Vinha (2000) descreve que ela transfere a vontade de realizar apenas as suas necessidades e vontades, para se submeter a realizar as necessidades do adulto.

Desse modo, conforme vai crescendo, ao interagir basicamente com a família, a criança começa a perceber a si mesma e aos outros, percebe também que há coisas que podem ou não ser feitas, transformando a anomia em heteronomia, ou seja, se antes não havia regras, agora a criança é de certa forma governada e dirigida pelos adultos (Vinha, 2000, p. 54).

A heteronomia é o momento da regra absoluta, do realismo moral (Piaget, 1932). As regras aqui, passadas pelo adulto, possuem um caráter de valor absoluto e sagrado para criança como “[...] uma primeira forma de controle normativo e, de constituir também, a consciência, ainda que

rudimentar, do dever” (Vinha, 2000, p. 54). Vale ressaltar, que, mesmo que a criança perceba a regra vindo do outro e a obedeça, ela ainda age pela ação e pela consciência externa, do próprio adulto, portanto ainda não alcançou a moralidade, ainda há um grande caminho a ser percorrido para a autonomia moral.

A autonomia moral é alcançada somente no início da adolescência (Piaget, 1994) e, aqui, já existe a consciência das regras, do sentimento moral em relação ao outro e ao mundo, da busca pelo bem coletivo, em relações baseadas no “respeito mútuo, reciprocidade e cooperação” (Vinha, 2000, p. 88).

Para a criança ter a possibilidade de ir construindo gradualmente sua autonomia moral (governar-se a si mesma), faz-se necessário que ela conviva com adultos, num ambiente em que exista o respeito mútuo, e portanto, a autoridade do adulto seja mínima. Visto que as raízes da autonomia moral encontram-se nas relações democráticas, esse ambiente deve propiciar trocas sociais entre pares, oportunidades de crianças assumirem pequenas responsabilidades e de tomar decisões, discutir seus pontos de vista, expressarem livremente seus pensamentos e desejos, investigar e estabelecer relações (Vinha, 2000, p. 88-89).

O caminho para a construção e promoção da autonomia moral deve ser construído e pautado em um ambiente com práticas morais consolidadas e a escola deve ter essa promoção pautada com intencionalidade. A criança da Educação Infantil, ainda está no início dessa caminhada, portanto, ao propiciar práticas de vivência de respeito mútuo, cooperação e reciprocidade, o professor estará promovendo essa construção.

Muitas são as possibilidades de trabalho, de forma intencional e planejada na Educação Infantil para essa promoção, o professor precisa entender que a criança, mesmo que na anomia ou início da heteronomia, “[...] aos poucos vai descentrando-se, num processo de construção, de interação dela com o meio em que vive, em que ela descobrirá ou outros, as regras que regem as relações sociais” (Vinha, 2000, p. 92).

Para tanto, uma educação integral que considere e inclua os valores morais, a partir da proposição de um ambiente sociomoral, se faz fundamental. A Educação em Valores é aquela voltada à construção intencional da autonomia dos estudantes, de forma ativa e coletiva; para tanto todos os aspectos da realidade escolar são importantes: as interações, os ambientes, os conteúdos, as relações interpessoais, etc.

A Educação em Valores tem como finalidade a promoção da construção da moralidade autônoma. Tornar-se um ser autônomo requer a participação ativa do sujeito em próprio desenvolvimento moral. As dimensões cognitivas, afetivas e morais são indissociáveis e fundamentais no processo de ensino e aprendizagem (Lepre, 2021).

Neste processo de intencionalidade, relataremos uma prática moral, com aporte nos estudos de Jean Piaget, que além de propiciar esse ambiente favorável para a reciprocidade, respeito mútuo e cooperação, também auxilia o professor em um ambiente mais acolhedor para a criança bem pequena, no seu processo de acolhimento e vínculo afetivo nos primeiros anos escolares.

3 A RODA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MOMENTO QUE POSSIBILITA O ACOLHIMENTO COMO PRÁTICA MORAL

A roda é um momento importante na rotina da Educação Infantil. “A rotina é vista como a espinha dorsal, a parte fixa do cotidiano da instituição de Educação Infantil, em que está implícita uma noção de espaço e de tempo” (Buss-Simão; Mafra-Rebelo, 2019, p. 253). A roda é muito mais do que a disposição física das crianças e do professor em círculo, uma vez que pode se configurar como um importante instrumento pedagógico para a promoção do desenvolvimento integral das crianças. Para DeVriès e Zan (1998, p. 115), “[...] o objetivo da roda é promover o raciocínio social e moral”, levando a construção do senso de comunidade, sensação de pertencimento ao grupo e consciência do outro por meio da descentração ao considerar pontos de vista do outro.

DeVries e Zan (1998) consideram a hora da roda como a atividade mais importante em termos de atmosfera, sociomoral por ser o momento em que o educador proporciona a participação das crianças nas decisões e no planejamento diário; compartilham experiências, descobertas e sentimentos; elaboram regras que afetam seus modos de convivência em grupo; trabalham o conhecimento social e científico; discutem os problemas da turma e dilemas sociomorais; ouvem histórias; cantam, etc (Lepre; Oliveira, 2016, p. 100).

A prática da “hora da roda” é parte fundamental e recorrente em muitas instituições de Educação Infantil, no entanto, é frequentemente conduzida de maneira superficial e incipiente. Muitas vezes, a roda se limita apenas à realização da chamada, estabelecimento da rotina diária e seleção do “ajudante do dia”, transformando-a em um mero procedimento burocrático. É essencial ressaltar que este momento oferece uma oportunidade valiosa para promover a interação social, o desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças. Portanto, é importante que a “hora da roda” seja intencional, planejada e conduzida de forma significativa, incorporando atividades que estimulem a criatividade, a expressão individual e a colaboração entre os participantes (Lepre; Oliveira, 2016). A roda também proporciona um ambiente sociomoral propício ao acolhimento de todas as crianças.

O acolhimento é parte integrante e indissociável da Educação Infantil, com a finalidade de incluir a criança no ambiente escolar cooperativo, pautado em valores sociomorais. Os profissionais dessa etapa sabem que o acolher é uma tarefa desafiadora, tanto para os próprios professores como para os familiares, mas principalmente para as crianças, que ainda se sentem inseguras e sofrem, em sua maioria, com a separação familiar. Dessa forma, pensar e planejar atividades com vistas para tal acolhimento é de extrema importância, fortalecendo o vínculo afetivo tanto com a professora como com seus pares.

Em um ambiente pautado em valores sociomorais, onde as relações são influenciadas em vivências de cooperação, respeito mútuo e diálogo, a roda se torna uma das principais práticas experienciadas e planejadas

(DeVries; Zan; 1998; Vinha; 2000). Dentre as atividades em roda, a Roda do Abraço foi escolhida como prática moral a fim de propiciar a acolhida/ inserimento das crianças no início do ano letivo. A Roda do Abraço, concebida como uma prática moral, auxilia a criança em seu processo de autorregulação e fortalecimento de vínculos, já que a afetividade se encontra em evidência nessa atividade. Lembrando que, para Piaget (2014) a afetividade age como um gatilho para os processos de construção das crianças, tanto em relação a si, quanto ao mundo e ao outro.

Nos países latino-americanos o abraço é concebido como uma forma de expressar afeto, conforto e solidariedade e vai além de uma simples demonstração de carinho; se revestindo como uma expressão cultural rica em significado e simbolismo. O abraço pode desempenhar papel fundamental na construção de relações interpessoais éticas e no fortalecimento dos laços comunitários, possibilitando o desenvolvimento da empatia, a promoção da cooperação e da solidariedade, o cultivo do respeito e da tolerância e o fomento do bem-estar social individual e coletivo.

4 RELATO E ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA COM A RODA DO ABRAÇO COMO PRÁTICA MORAL

Uma vez que as práticas designam aquilo que as pessoas fazem, uma de suas primeiras características é sua visibilidade e, portanto, a possibilidade de observação e relato por parte dos pesquisadores e de qualquer outra pessoa que simplesmente se detenha a contemplá-las (Puig, 2004, p. 55).

A Roda do Abraço é realizada com o aporte da música folclórica infantil “Se eu fosse um peixinho, soubesse nadar, eu tirava (a professora chama uma criança pelo nome) do fundo do mar! “A criança chamada se levanta para abraçar a professora e os colegas. Essa música faz parte do rico folclore musical brasileiro e é frequentemente cantada em brincadeiras infantis, sendo transmitida de geração em geração. Embora sua origem não possa ser atribuída a um único autor, ela reflete a criatividade e a

imaginação presentes na cultura infantil brasileira. É importante registrar que o desejo e a disposição da criança para abraçar deve ser respeitada e o professor precisa oferecer outras opções, como dar um aperto de mão, um toque, um beijo, um sorriso, etc.

A prática moral com a Roda do Abraço que relataremos a seguir foi desenvolvida junto às crianças, entre dois anos e dois anos e quatro meses, de um Centro de Convivência Infantil do município de Bauru–SP. A roda foi intencionada e conduzida pela professora da turma que utilizou, como aporte teórico, a Educação em Valores na perspectiva da Epistemologia Genética de Jean Piaget e estudos desenvolvidos junto ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Moral e Educação (GEPEDEME), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Bauru/SP.

A seguinte intervenção pedagógica foi desenvolvida durante a adaptação/acolhimento/inserimento com o intuito de um planejamento voltado à rotina como ferramenta para a promoção do juízo moral em crianças de Educação Infantil. Essa rotina foi apresentada à criança a fim de promover a construção de um ambiente sociomoral, alicerçado em valores e ações como cooperação, diálogo, respeito mútuo nas interações e nas resoluções de conflito, com o propósito de oferecer experiências que auxiliam na construção de sua autonomia moral. Tal intervenção está descrita no *e-book* “Uma Rotina de Valor”⁴ elaborado como produto educacional desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em Docência para a Educação Básica, UNESP/Bauru, pela autora Maria Carolina Canale Sanches Rodrigues, sob a orientação da Professora Dr.^a Rita Melissa Lepre.

O início do ano letivo é sempre um desafio para as crianças, uma vez que permaneceram trinta dias em férias, usualmente no convívio com a família, e, com frequência, enfrentam a troca de professores no ano seguinte, o que se configura uma situação complexa para os pequenos, no que se refere à construção de novos vínculos. Neste sentido, as crianças precisam de uma recepção mais acolhedora, afetiva e harmoniosa. Essa recepção precisa ser intencionada e planejada para que as crianças se sintam seguras em um ambiente sociomoral afetivo, alegre e envolvente.

⁴ Disponível em: <https://www.graduseditora.com>

No primeiro dia de realização da Roda do Abraço, as crianças demonstraram não conhecer a atividade e ficaram um pouco agitadas, porque pareciam estar com saudade de seus colegas e desejavam mesmo abraçá-los. Desta forma, quando uma criança era chamada para se levantar e dar o abraço, as outras também se levantavam, o que gerou abraços coletivos na primeira semana. Foi possível observar que apesar da professora ter conversado com as crianças e explicado a regra de cada uma deve levantar quando chamada, o desejo das mesmas foi imperioso e moveu suas ações que foram acolhidas pela professora. Após os abraços, a professora perguntava como cada um se sentiu durante a vivência e, neste início, indagou porque abraçaram mais de uma criança. Algumas respostas foram: “Eu queria abraçar os meus amigos” (criança participante); “Eu queria abraçar o (nome do colega) e o (nome do colega)” (criança participante); “Eu queria abraçar todos os amigos” (criança participante). É importante lembrar que, segundo Piaget (1994), as crianças pequenas encontram-se na anomia, ou seja, as regras ainda não se configuram como um regulador importante das relações interpessoais e suas vontades assumem papel central na motivação de suas ações. No entanto, a regularidade de ações pautadas em regras coletivas, combinadas com as crianças, abrem um cenário de vivências importantes para a gênese da moralidade.

Na segunda semana, as crianças começaram a interagir com menos impulsividade e mais espera e passaram a aguardar seus nomes serem chamados. No entanto, a professora fez uma intervenção propondo uma discussão com o grupo sobre o desejo e a possibilidade de integrarem, para além dos abraços em cada um, o abraço coletivo, como havia ocorrido, de forma incidental, na primeira semana. As crianças gostaram muito da ideia da inserção do abraço coletivo como uma ação da roda, uma vez que se sentiram cocriadores da brincadeira e respeitados e ouvidos pela professora. A participação das crianças na construção das regras é fundamental para o entendimento de que são partícipes da elaboração das normas sociais, ainda que não tenham consciência de tais regras.

Na terceira semana as crianças já demonstraram maior facilidade em expressar suas emoções por meio do abraço e começaram a incorporar as regras e o *modus operandi* da roda. Atualmente, as crianças se

abraçam também em outros ambientes, como um ato de generosidade espontânea, sem a intervenção direta da professora. É possível observar, depois das três primeiras semanas, abraços no parque, como forma de comunicação e troca de afetos, assim como após o compartilhamento de brinquedos e brincadeiras.

Como vimos, a roda é uma atividade interativa, realizada diariamente com os objetivos sociomorais e cognitivos. A questão moral trabalhada em roda envolveu de início a questão da adaptação e acolhimento das crianças com o intuito de desenvolver o sentimento de pertencimento e inserimento no grupo. Isso trouxe segurança e um sentimento prazeroso que estão buscando em outros locais que não, apenas, na Roda do Abraço.

É importante registrar que o grupo tem que ampliar seu ponto de vista e levar em conta os sentimentos difíceis e modos de lidar com eles. (DeVriès; Zan, 1998, p. 68). Sentimentos “difíceis” de lidar também apareceram durante as rodas do abraço, como, por exemplo, crianças que queriam a roda, mas não conseguiam abraçar os colegas, uma criança que demonstrou dificuldade em abraçar o colega de frente, mas se deixava abraçar de costas para o amigo, crianças que beijavam ao invés de abraçar, entre outras expressões. Esses exemplos demonstram que as crianças estão buscando apreender a atividade e, ao mesmo tempo, lidar com a exposição de seus sentimentos.

Na última semana, a criança, que só abraçava de costas para os colegas, cedeu e abraçou o amigo de frente. Essa atitude pode parecer pequena, mas na visão pedagógica, isso demonstra que as situações morais vivenciadas com a roda do abraço estão sendo assimiladas e incorporadas na rotina do grupo, e proporcionando a segurança necessária para expressarem seus sentimentos. O estabelecimento dessas relações permeadas pelo afeto da roda do abraço é bem abrangente e alimenta seus desejos de carinho e segurança para o tempo de permanência bem extenso de 10 horas, em sua maioria, proporcionando a construção do desenvolvimento moral.

Neste sentido, concordamos que

As relações sociais podem ser construídas por vínculos de afeto e confiança, nos quais a afetividade ocupa o lugar de uma fonte

energética da qual depende o funcionamento da inteligência. Há que se considerar que existe uma indissolúvel relação entre inteligência e afetividade, entre desejo e conhecimento, entre desenvolvimento cognitivo e moral (Suardi; Becker, 2013, p. 55).

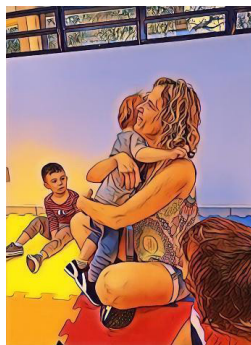
No Quadro 01, buscamos demonstrar, a partir de fotos, diferentes momentos da Roda do Abraço que retratam evoluções nos comportamentos das crianças.

Quadro 1 - Sequência temporal da Roda do Abraço

Primeira semana: Beijos e abraço de costas – Crianças conhecendo e experimentando possibilidades na Roda do Abraço



Segunda semana: Crianças mais à vontade e Roda do Abraço mais organizada.



Terceira semana: Abraços de frente e expansão das ações de carinho e generosidade para além da Roda do Abraço



Fonte: Arquivo da pesquisadora

A Educação em Valores não pressupõe que as crianças alcancem autonomia já na primeira infância, pois isso não será possível ainda, mas essas experiências são o alicerce da construção da moralidade/autonomia. Precisemos aqui, que não há construções sem antes o alicerce ter sido construído, ou seja, as experiências sociomoraes vividas pelas crianças envolvendo respeito mútuo, generosidade, reciprocidade e cooperação e o mais importante componente nessa fase de adaptação é o sentimento de pertencimento de grupo que a Roda do Abraço proporciona, pois tem o poder de acalantar a criança e ampliar sua segurança, o que lhe permite experienciar todas essas atividades. Sem essa segurança afetiva, não se alcança essas possibilidades de desenvolvimento. Esse sentimento antecede todas as construções objetivadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autonomia moral pode ser alcançada, como possibilidade, no início da adolescência, por meio de vivências e experiências morais bem suce-

didadas iniciadas já na primeira infância, sob a influência de interações pautadas em ambientes sociomorais cooperativos. Nesse sentido, a Educação Infantil se torna um local privilegiado para as práticas morais, de forma intencional e planejada, com vistas ao desenvolvimento do juízo moral.

Assim, dentre as atividades cotidianas da Educação Infantil, a roda se torna um dos momentos mais importantes e interativos, e não deve assumir um papel secundário, se tornado apenas um aporte para chamada ou músicas, mas atividade central com foco para o desenvolvimento da promoção do juízo moral nas crianças pequenas.

Piaget (1896-1980) descreveu que a afetividade funciona como um ponto de propulsão do desenvolvimento infantil, tanto cognitivo quanto moral. Nesse sentido, pensar em atividades que promovam o desenvolvimento integral na Educação infantil requer do professor um caráter de intencionalidade em toda organização de seu trabalho, incluindo o processo de inserimento das crianças pequenas no ambiente escolar.

A Roda do Abraço proporcionou um acolhimento bastante eficaz no período de adaptação e inserimento das crianças no início do ano, alicerçada no afeto demonstrado pelos colegas e pela professora, e se revelou como uma prática moral na qual valores e virtudes se convertem em comportamentos (Puig, 2004). A vivência de práticas morais denota que com certas regularidades experienciadas, as crianças pequenas demonstram o início de sentimentos morais em suas ações, fortalecendo o vínculo de pertencimento ao coletivo.

Para finalizar, podemos afirmar que o trabalho é possível e necessário apesar dos entraves políticos de não reconhecimento da importância da Educação Infantil, negação da função de professor de Educação Infantil e falta de recursos humanos nas escolas, para o desenvolvimento das crianças a fim de subsidiar a construção de uma nova sociedade justa, solidária e cooperativa.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, DF, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Subsídios para diretrizes curriculares nacionais específicas da educação básica**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília, DF, 2013.
- BURG, L. C. Rotina e espaço: uma organização para o acolhimento diário das crianças. *In*. COUTINHO, A. S.; DAY, G.; WIGGERS, V. **Práticas pedagógicas na Educação Infantil: diálogos possíveis a partir da formação profissional**. São Leopoldo: Oikos; Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012. p. 87-100.
- BUSS-SIMÃO, M.; MAFRA-REBELO, A. H. Formas regulatórias e participação infantil: marcas de descompassos nos momentos da roda na Educação Infantil. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 77, p. 245-264, set./out. 2019.
- DeVRIES, R.; ZAN, B. **A ética na educação infantil: o ambiente sócio-moral na escola**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- FORMOSINHO, J. Da aprendizagem da transmissão pelo ofício de aluno ao desenvolvimento de pedagogias participativas. *In*: FORMOSINHO, J.; MACHADO, J.; MESQUITA, E. **Luzes e sombras da formação contínua: entre a conformação e a transformação**. Mangualde: Pedago, 2014. p. 13-25.
- LA TAILLE, Y. Desenvolvimento humano: contribuições da psicologia moral. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 11-36, mar. 2007.
- LEPRE, R. M. Uma proposta teórico-metodológica de educação em valores voltada ao trabalho pedagógico com os bebês na creche. *In*: LEPRE, R. M.; ALVES, C. P.; BATAGLIA, P. U. R.; ARRUDA, A. C. J. Z. (org.). **Desenvolvimento moral e educação em valores: estudos e pesquisas**. Bauru: Gradus Editora, 2021. p. 187-206.
- LEPRE, R. M.; OLIVEIRA, B. A hora da roda como atividade facilitadora do desenvolvimento do juízo moral de crianças da educação infantil. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 5, n. 8, p. 97-120, jan./jun. 2016.
- MOTTA, F. N. Notas sobre o acolhimento. **Educar em Revista**, Belo Horizonte, v. 30, n. 4, p. 205-228, dez. 2014.
- PIAGET, J. **Relações entre afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

PUIG, J. M. **Práticas morais**: uma abordagem sociocultural de educação moral. São Paulo: Moderna, 2004.

SUARDI, C. D. Z.; BECKER, M. L. Afetividade e construção do sentimento de respeito: o ponto de vista de cuidadores em núcleo de abrigos residenciais. **Schéme**, Marília, v. 5, n. 2, p. 52-80, ago./dez. 2013.

VINHA, T. P. **O Educador e a moralidade infantil**: uma visão construtivista. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2000.